



ATIVIDADE PRÁTICA DE CAMPO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DO ENSINO DE ECOLOGIA NO ENSINO SUPERIOR

ADRIANNY MARX FREITAS; FABRÍCIO SOUZA BATISTA DA SILVA; JUCICLEIDE GOMES DE AZEVEDO; CAMYLLA DA SILVA DANTAS

RESUMO

O seguinte trabalho apresenta a importância da atividade prática de campo na perspectiva do ensino das questões ambientais na Ecologia, sendo um meio de aliar a teoria abordada em sala de aula à prática, a qual foi realizada nas atividades de campo. Com o objetivo de aprofundar os conhecimentos apresentados em aulas teóricas, de forma que os alunos absorvessem o conteúdo, realizou-se uma atividade de campo em diferentes paisagens naturais no estado do Rio Grande do Norte, com a turma de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos dias 22 e 23 de maio de 2023, onde foram abordados conceitos e temáticas debatidos ao decorrer da disciplina. Posteriormente, foi desenvolvido um questionário com duas perguntas, direcionadas aos discentes participantes da atividade de campo, o qual mostrou resultados positivos no quesito da aula de campo como metodologia de ensino nas questões ambientais da Ecologia. Com a junção dos conhecimentos obtidos em sala de aula e o contato direto com o espaço geográfico, os alunos podem melhor desempenho se comparado somente às aulas exclusivamente teóricas. Com esse cenário, conclui-se que as atividades de campo complementam o saber no ensino das questões ambientais da Ecologia, visto que, com a observação e a descrição dos diferentes tipos de ecossistemas, o discente irá refletir sobre os fenômenos naturais. Em relação à docência, a atividade prática é uma forma de sair do tradicional e acrescentar meios dinâmicos e, para os discentes, irá despertar o maior interesse em questionar, procurar entender e absorver os conteúdos que serão utilizados no meio acadêmico e, futuramente, no profissional com a docência.

Palavras-chave: Ambiente; Aprendizagem; Didática; Geografia; Metodologia.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, muitas são as dificuldades enfrentadas no âmbito do ensino e, em virtude disso, a aula de campo destaca-se nesse meio pelo seu modo dinâmico de unir teoria com a prática. "Pelo contato direto com o conteúdo, os estudantes que participam da atividade de campo são motivados e estimulados a pensar criticamente e, dessa forma, confrontam informações associando a aula teórica ao momento." (SOUZA; MEDEIROS; SILVA; CABRAL, 2016). Com isso, a aula de campo facilita o ensino-aprendizagem, promove o contato direto com o ambiente abordado nas temáticas de Ecologia, incluindo espécies e ecossistemas diversos, e possibilita a compreensão mais aprofundada dos assuntos. Portanto, este trabalho tem como objetivo relatar do ponto de vista do discente a prática de campo como instrumento facilitador para o ensino de ecologia no nível superior.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O método utilizado para este trabalho foi o tipo qualitativo-descritivo, onde, por meio de abordagens teóricas realizadas em sala de aula na disciplina de Ecologia a partir da utilização de fontes bibliográficas indicadas para abordagem dos temas (e.g. livro “Fundamentos de Ecologia” de Eugene P. Odum e Gary W. Barrett). Portanto, em sala de aula apresentou-se conceitos para a base do ensino na referida disciplina, tais como: comunidade, população, habitat, nicho ecológico, ecossistema e espécie (fauna e flora), assim como a classificação taxonômica desses organismos. E com o objetivo da compreensão do discente para futura formação acadêmica, estes conceitos e temas abordados em sala foram explanados na prática de campo, que envolveu duas turmas do ensino superior em Geografia da Universidade Federal Rio Grande do Norte. A prática de campo teve duração de dois dias com deslocamento entre as diferentes paisagens do Rio Grande do Norte, em especial os seguintes locais: nascente do rio Trairí, em Lajes Pintadas/RN; Parque das Dunas, em Natal/RN; Manguezal, Estuário do rio Ceará-Mirim e Lagoa da Cotia, em Rio do Fogo/RN. Onde, a partir da explanação realizada pelo docente responsável, os discentes puderam analisar as paisagens naturais visitadas e correlacionar a prática e teoria, utilizando como apoio didática pranchetas e aparelhos celulares para realizar registros. A fim de obter resultados mais precisos, foi desenvolvido um formulário direcionado aos discentes participantes da aula de campo, com duas perguntas relacionadas ao entendimento do assunto com a prática. Ao coletar as respostas, observou-se que a atividade de campo alcançou resultado como uma forma de metodologia para compreensão das temáticas abordadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Paisagens do Rio Grande do Norte

3.1.1 Nascente Do Rio Trairí: Lajes Pintadas/RN

Localizada na região Agreste do estado do Rio Grande do Norte, sendo, em relação a ecologia, uma área de relevante diversidade de espécies, por se tratar de área de ecótono entre o Domínio de Caatinga, do tipo hipoxerófila devido a semiaridez, e a Mata Atlântica, em virtude da proximidade da faixa litorânea. As áreas de caatinga se apresentam em processo de sucessão ecológica como resultado da degradação ambiental causada nas décadas anteriores, impactando na cobertura vegetal endêmica e nativa do bioma, onde, dentre as espécies em risco de extinção no Rio Grande do Norte, estão: Baraúnas (*Schinopsis brasiliensis*); Sucupira (*Pterodon* spp.) indicadora de áreas de ecótono; Gameleira (*Ficus doliaria*), típica do bioma Mata Atlântica; Arácea (*Araceae*) indicadora de ambiente não poluído e úmido.

A nascente do Rio Trairí (Figura 1) apresenta água mineral que advém do lençol freático, e portanto, é considerada uma área de preservação permanente (APP) onde, por lei, não pode ser desmatada e/ou degradada. Há a permissão do turismo sustentável em prol a educação ambiental e conscientização ambiental, assim como, esta área pertence ao código florestal sob Lei nº 12.651/2012, por ser um local de nascente e margem de corpo hídrico.

Figura 1. Nascente do Rio Trairí. Fonte: Autores (2023).



3.1.2 Parque das Dunas: Natal/RN

O Parque das Dunas (Figura 2) trata-se de uma Unidade de Conservação de uso restrito e sustentável, criado pelo decreto estadual nº 7.237 de 22 de novembro de 1977, com o objetivo de proteger sua fauna e flora. Atualmente, está entre os maiores parques de floresta tropical urbano do Brasil, com uma área de 1.172 hectares. Em suas fisionomias apresenta áreas, com em torno 20 km de extensão, de dunas fixa, as quais é permitido acesso ao público. O solo do parque é rico em material orgânico, onde possui ecossistema vegetal sobre substrato arenoso praial – que é o caso da restinga e Mata Atlântica. O local também é considerado um grande berçário de Pau Brasil (*Paubrasilia echinata*), assim como as espécies de Ipê Roxo (*Handroantus impetiginosus*), Orquídeas (*Orchidaceae*) e Aráceas (*Araceae*).

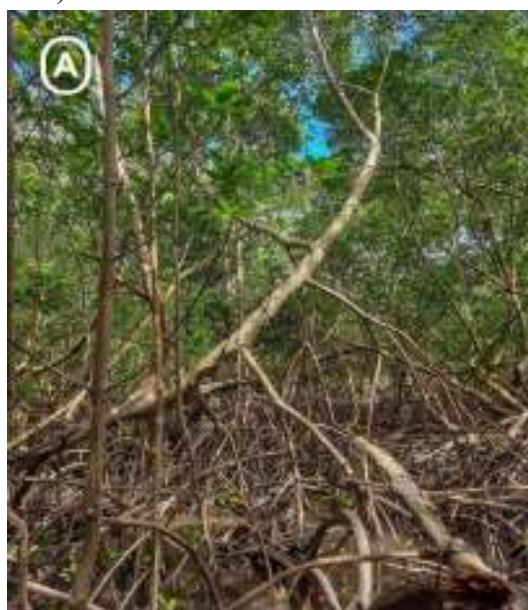
Figura 2: Parque das Dunas. Fonte: Autores (2023)



3.1.3 Manguezal e estuário do rio Ceará-Mirim/RN

O manguezal (Figura 3, letra A) possui grande presença de argila no solo, com variância de marés baixas e altas a cada seis horas, vegetação do tipo mangue. É um ecossistema que abriga muitas espécies de peixes e crustáceos, sendo berçário de espécies de jacaré, como o de papo amarelo. É um ambiente hidromórfico, onde as plantas não se reproduzem por meio de liberação de sementes, mas sim os embriões se desenvolvem ainda na árvore mãe (propágulos). Entre os benefícios que os manguezais oferecem, entre eles estão a filtragem da água. O ambiente em questão é uma espécie de Mangue Vermelho, sendo uma área federal classificada como preservação permanente (APP). A área do estuário (Figura 3, letra B) é uma transição entre as águas fluviais do continente e as águas salinas advindas do mar, que é inteiramente influenciado pelas marés. É um grande berçário para espécies de tubarão.

Figura 3: A) Manguezal do rio Ceará-Mirim; B) Estuário do rio Ceará-Mirim. Fonte: Autores (2023)



3.1.4 Lagoa da Cotia - Rio do Fogo/RN

A Lagoa da Cotia (Figura 4) é um ambiente lântico, com pouco fluxo de água, do tipo planície lacustre, onde a luz solar atinge o substrato e, por isso, se classifica como lagoa. Apresenta grande diversidade, como no caso das várias comunidades do tipo macrófita (plantas), nectônica (peixes), fitoplâncton (microalgas), zooplâncton (pequenos crustáceos), assim como também comunidade bentônica (organismo do fundo). Tem grande importância por ser uma zona sugadora que retêm carbono e se classifica como área de preservação ambiental (APP).

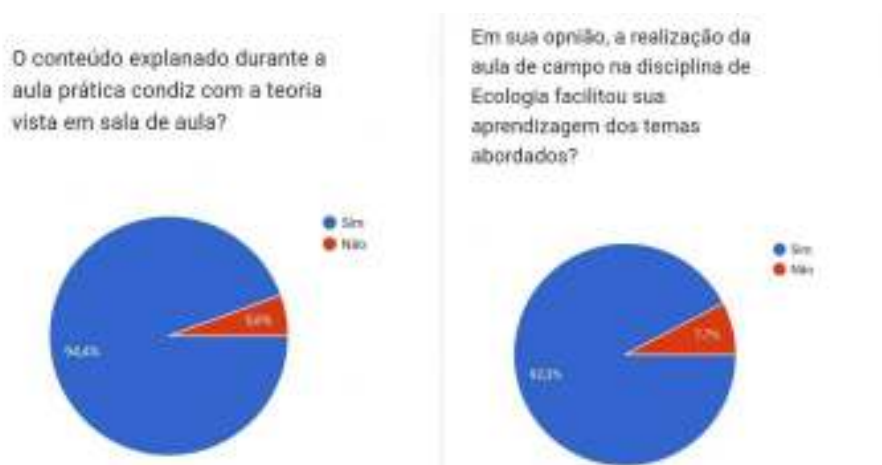
Figura 4. Lagoa da Cotia. Fonte: Autores (2023)



3.2 Feedback dos discentes

Como forma de obtermos um resultado ainda mais concreto e melhor representado, realizamos um formulário com a turma de licenciatura em Geografia que participou da aula de campo. Para isso, utilizamos a ferramenta Google formulários, onde foram respondidas as seguintes questões: "O conteúdo explanado durante a aula prática condiz com a teoria vista em sala de aula?", com resultado de 94,4% para sim, e 5,6% para não, de acordo com o gráfico da figura 5; a segunda pergunta foi: "Em sua opinião, a realização da aula de campo na disciplina de Ecologia facilitou sua aprendizagem dos temas abordados?", com resultado de 92,3% para sim, e 7,7% para não, de acordo com o gráfico da figura 6. Ao chegar no resultado final da coleta desses dados, podemos concluir que a aula de campo como metodologia de ensino das questões ambientais na Ecologia foi de resultado positivo, ou seja, cumpriu com o proposto.

Figuras 5 e 6. Gráficos com resultados do questionário aplicado aos participantes da aula de campo.



Fonte: Elaborados pelos autores (2023)

3.3 As paisagens como reflexo das aulas teóricas

Em cada local visitado na respectiva aula de campo, foram expostos exemplos reais dos conceitos aplicados no âmbito ambiental da Ecologia. Cada paisagem constitui, por exemplo, um ecossistema particular, que possui características e espécies próprias. Pode-se observar, por exemplo, ecossistemas do tipo aquático - como no caso da nascente do Rio Trairí, no Manguezal do rio Ceará-Mirim e na Lagoa da Cotia. Já, no Parque das Dunas, foi abordado um ecossistema envolvendo dunas fixas associadas à restinga e Mata Atlântica, com espécies características daquela região que não são encontradas nos outros locais. Em cada um deles, foi observada a dinâmica ambiental que ocorre e as interações entre a fauna e a flora.

4 CONCLUSÃO

O desenvolvimento da aula de campo se mostrou essencial para a compreensão do educando ao ensino de Ecologia. Visto que, a partir da análise da paisagem realizada no campo, os discentes tiveram visões diversificadas destas formações e processos naturais ocorrentes, interligando a teoria e o conhecimento científico obtidos em sala de aula. Portanto, a atividade prática de campo se mostrou como uma importante metodologia para o ensino de Ecologia no curso de Geografia, porém, este método é fundamental para compreensão e ensino-aprendizagem em todos os cursos de graduação e até mesmo o ensino básico. Destarte, os principais conceitos da Ecologia nas práticas de campo têm se mostrado ainda mais visíveis e de fácil compreensão, pois, todos os aspectos das localidades acessadas possibilitam uma abrangente visão ambiental e sustentável sobre essas áreas que precisam de um olhar mais crítico na perspectiva de ensino, no qual novas abordagens e questionamentos vão sendo aprofundados, podendo se basear as várias metodologias que facilitem a fixação desses conteúdo.

REFERÊNCIAS

DECRETO Nº 7.237, DE 22 DE NOVEMBRO DE 1977. Disponível em:
<http://www.parquedasdunas.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=6404&ACT=&P#:~:text=O%20Parque%20das%20Dunas%20foi,com%20as%20finalidades%20do%20parque> .
Acesso em: 6 jul. 2023.

ODUM, Eugene; BARRETT, Gary. **Fundamentos de Ecologia**. 5 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SOUZA, Cristiane; MEDEIROS, Monalisa; SILVA, José; CABRAL, Laíse. A aula de campo como instrumento facilitador da aprendizagem em Geografia no Ensino Fundamental. **Revista Educação Pública**. 2016.